

Zonga: a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras¹

Ruy do Carmo Póvoas

Mestre em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ
Babalorixá do Ilê Axé Ijexá de Itabuna – Bahia

Recebido em: 28/08 /2015.

Aprovado em: 17/10/2015.

Minha intenção é fazer um recorte e abordar a figura de Zonga, a imagem arquetípica do feminino angolano nas terras cacauceiras, uma das robustas personagens da ficção adoniana.

Evento da natureza deste, que ora se realiza, nos obriga a revistar caminhos que aparentemente estão muito separados. E nossa obrigação consiste em fazer costuras, compondo o quadro maior que a junção de tais caminhos possa proporcionar.

Em *Águas de Angola em Ilhéus*¹, tese de doutoramento pela UFBA, em 2009, a Doutora Valéria Amin assim se posiciona na *Apresentação*:

[O capítulo III deste texto], *O candomblé e a cidade de Ilhéus*, busca contextualizar a dinâmica do Candomblé na cidade, inserindo a análise de padrões de etnicidade e ancestralidade num contexto de escravidão. [...] Apresenta a nação angola na cidade a partir das narrativas de origem [...].

Mais tarde, 2013, num outro trabalho coordenado pela mesma pesquisadora, *Águas do Leste: um olhar sobre terreiros*², a equipe de pesquisadores do Kàwé³ identificou 42% dos terreiros situados em território da Bacia do Leste da Bahia sendo de nação angola. Fica evidente, então, que a região de abrangência da UESC, território

antes considerado Região Cacaueira e, presentemente, como Região Sul da Bahia, tem o lastro de religiões de matriz africana nas origens angolanas.

Alguns devem estar querendo saber o que tem a ver tais considerações que fiz até aqui com este Colóquio Internacional Centenário de Adonias Filho: literatura, cultura, história e memória, e mais especificamente, com esta mesa redonda, Vivências literárias: Adonias Filho, o escritor por escritores. Chegaremos lá, prometo.

Por sua vez, da lavra adoniana, entre outras obras, avultam clássicos, a exemplo de *Servos da Morte*, romance de 1946; *Memórias de Lázaro*, romance de 1952; *Corpo vivo*, romance de 1962; *O forte*, romance de 1965; *Léguas da promessa*; novela de 1968; *Luanda Beira Bahia*, romance de 1971 e, finalmente, *As velhas*, romance de 1975, com o qual Adonias se despede da ficção que tem como pano de fundo a Região do Cacau. E é justamente desse último romance seu, que emergem quatro personagens femininas, todas muito velhas.

Diga o que se disser deste livro⁴, nada supera o que está expresso na sua contra capa. Vale a pena repeti-la na íntegra, dada a objetividade, clareza e concisão do texto:

Neste livro de empolgante ação e também de raro tom poético, *Adonias Filho* conta a história de quatro velhas, figuras marcadas pelo destino e marcantes como personagens de ficção.

Romance com forte cheiro de terra e pleno de aventura, amor e ferocidade, *As velhas* decorre no mágico cenário da mata primitiva baiana e narra as duras andanças de um filho em busca dos ossos do pai, há vinte anos assassinado.

E se isso ainda não for suficiente, aos olhos dos sabidos, à guisa de orelhas da capa, Raquel de Queiroz magistralmente se expressa num texto primoroso. Vale revisitar pelo menos algumas passagens de seus dizeres:

Neste romance, como diz o seu nome, as heorínas são quatro velhas, cujos destinos e tragédias se entrelaçam. E como são teríveis e poderosas, na sua fragilidade caduca!

A primeira delas, Tari Januária, a índia pataxó viúva de Pe-

dro Cobra, [...]. A outra, Zefa Cinco, a que “sem perder um tiro e sem tremer a mão enviara cinco cabras para o inferno [...]”. Zonga, a rainha preta, “negra velha de quase dois metros, magra de mostrar o esqueleto,[...]”. E por fim, Lina de Todos, a velha mais velha que a terra dali [...].

Quatro velhas, quatro parcas, tremendas na sua autoridade, nas suas lembranças, nos seus rancores, na sua cegueira vingativa [...].

Justamente aqui, caminhos tão diversos se cruzam. Valéria Amin se debruça sobre dados recolhidos em suas pesquisas e descobre que o território da Bacia do Leste da Bahia apresenta uma predominância de terreiros de nação angola. Raquel de Queiroz mergulha nas páginas de *As velhas* e desvela a região que se faz território romanceado – aquele mesmo examinado por Valéria – cujos limites circunscrevem quatro imagens arquetípicas: quatro mulheres, quatro velhas. Nelas, Raquel vê a arquetipologia das Moiras gregas, que são as mesmas Parcas romanas.

Mergulhando no pensamento do personagem Tonho Beré, na última página desse romance, Adonias Filho sintetiza suas parcas ficcionadas: “As velhas, todas as velhas, têm seus mortos. A questão é saber se esses mortos ficaram ou se estão esperando na frente.”⁵ Essa síntese é resultante da tecitura adoniana de uma trama na qual fica configurada a alma da região. Essa alma, porém, tem quatro origens, quatro matrizes geradoras: a indígena, a morena, a negra e a branca. Há um destino proclamado, uma vida predestinada, uma fatalidade para ser vivida, uma tragédia para se transformar em memória. O trágico é uma espécie de humus que sustenta a tudo e a todos. Animais humanizados, humanos animalizados, territórios personificados, fantasmagorias pungentes do medo. Tudo e todos têm vida, uma vida injetada de tragédias, ódios, vinganças e selvagerias. Nesse conjunto dramático e épico, Zonga se erige. Deixemos que o próprio Adonias nos apresente a velha Zonga⁶:

[...] Sentada na cama que é um estrado que peles de onças e esteiras e travesseiros de penas cobrem, mascando fumo com as gengivas pois já não tem um só dente, pernas compridas e secas, peitos murchos, magra que até parece uma tábua e negra como carvão. Frente à cama, no quarto que cheira a mastruço, o nicho que abriga em barro imagens de São Sebastião e São Bebedito de mistura com as de Iansã e Oxóssi. Ela, tão velha quan-

to o nicho, ali permanece tardes inteiras. Ninguém tem mais paciência com as pessoas, devoção pelos santos e bondade com os bichos que Zonga.

Um pouco mais adiante⁷, na voz de Anastácio, filho de Zonga, a negra velha aparece em outros detalhes:

Mãe, aquela Zonga que vosmecês viram, nasceu aqui perto e isso era então uma abertura de nada. Ela conta que, menina ainda, viu o pai enfrentar a selva a fogo e a machado. Homem brabo, de coragem e força, Calupo foi por isso mesmo um protegido de Deus. Calupo o pai de Zonga, meu avô. Um vencedor de desafios sem medo das armadilhas do mundo. A velha sempre disse desde que botei corpo de homem.

– Você é o retrato dele.

Veio de muito longe, lá de Angola, na África, caçado no mato como bicho e apanhado menino para escravo. A hitória ele contou e para nós mãe Zonga repetiu muitas vezes.

Eis como um bom escritor também pode ser um ótimo revelador de origens étnicas antes olvidadas. Zonga é filha de um negro de Angola, ex-escravo. E ela é uma das matrizes geradoras de sua etnia no território romanceado. O filho é cópia do pai, mas saiu do ventre dela.

Ocorre, no entanto, que todo bom escritor não inventa, nem tampouco faz história: apenas cria para-realidades. Isto é: narra eventos que, se não aconteceram, poderiam ter acontecido, e descreve personagens que, se não existiram, poderiam ter existido. Literatura é isso: expressão artística escrita da cultura de uma dada sociedade. Romance bem escrito é isso: seu autor revela as raízes, os subterrâneos de uma sociedade, cujos componentes até mesmo podem ignorar ou negar sua verdadeira identidade. O texto literário é resturador, pois concorre para provocar a revisão dos discursos oficiais, que se constituem, quase sempre, fonte e origem das negações.

Adonias Filho, sobretudo, é um cultor da liberdade. Ele afirma⁸ que “A liberdade pede luta, e luta permanente, como a própria vida, para permanecer” (FILHO, 1965, p. 12) investindo nessa liberdade para criar, em *As velhas* ele traz a filha de um angolano, capturado na África e vendido na Bahia.

Seja através dos estudos da professora Valéria Amim em seu doutorado; seja no pesquisa por ela coordenada e realizada com

estudiosos e estagiários do Kàwé, ou com Adonias, no romance *As velhas*, esses caminhos concorrem para um assentamento: na Região Sul da Bahia, a herança de Angola se constitui um lastro, seja ele de religião africana, seja de ascendência ancestral. Zonga, tal qual as mães de santo da maioria dos terreiros pesquisados pela professora Valéria, instaura a *nação angola* como herança cultural.

Com as quatro velhas, Adonias compõe um quadro de origens, diversificado na força de mais três mulheres, nossas ancestrais: Taria Januária, nossa tataravó pataxó; Zefa Cinco, nossa tataravó morena; Zonga, nossa tataravó negra angolana e Lina de todos, nossa tataravó branca. Pouco importa que tenhamos mudado o nome de nossa região para Região Sul da Bahia. Isso em nada muda a nossa genética, nem a nossa herança cultural. Para terminar, parafraseando o último parágrafo de meu livro *A memória do feminino no candomblé*⁹, afirmo:

Basta que guardemos um pouco de recolhimento e silêncio e ainda será possível ouvir, no nosso interior, a voz dessas ancestrais de todos nós, que viveram em terras da Região Cacaueira da Bahia, um dia, há muitos e muitos anos. Foram elas as primeiras a se fazerem imagens da Grande Mãe, que continuamos a refletir até hoje.

Notas

1 Intervenção na Roda de Escritores, Vivências literárias: Adonias Filho, o escritor por escritores. **Colóquio Internacional Centenário de Adonias Filho:** literatura, cultura, história e memória. Universidade Estadual de Santa Cruz, 11 nov., 2015. Composição da mesa: Aleilton Fonseca – Academia de Letras da Bahia (ALB); Sonia Carvalho de Almeida Maron – Academia de Letras de Itabuna (ALITA); André Rosa – Academia de Letras de Ilhéus (ALI); Ruy do Carmo Póvoas – Ilê Axé Ijexá e Samuel Leandro Oliveira de Mattos (DLA) – Mediador.

2 AMIM, Valéria. **Águas de Angola em Ilhéus:** um estudo sobre construções identitárias no candomblé do Sul da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Faculdade de Comunicação, 2009. Tese de doutoramento.

3 AMIM, Valéria (org.). **Águas do leste:** um olhar sobre terreiros, mapeamento de comunidades religiosas de matriz africana da Bacia do Leste (BA). Ilhéus: Editus, 2013.

4 Núcleo de Estudos Afro-baianos Regionais – Kàwé, da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

5 ADONIAS FILHO. **As velhas:** romance. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

6 Idem. p. 126.

7 Idem. p. 67

8 Idem. p. 69.

9 TEMPO BRASILEIRO. *A nação grapiúna*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965, p. 12.

10 PÓVOAS, Ruy do Carmo. *Memória do feminino no candomblé: tecelagem e padronização do tecido social do povo de terreiro*. Ilhéus: Editus, 2010. p. 210.